

POLIDEZ.

Arthur Virmond de Lacerda Neto. Novembro e dezembro de 2022.

- I - Noções.
- II - Saudações.
- III - Pedidos.
- IV - *À vontade*.
- V - Desculpas.
- VI - *Com licença*.
- VII - Graus e modos de formalidade. Tratamentos.
- VIII - Visitas.
- IX - Portas cerradas.
- X - Tom vocal. Sons. Silêncio.
- XI - Perguntas.
- XII - Precedência.
- XIII - Oferecimentos.
- XIV - Solicitude.
- XV - Vários.
- XVI - Telemóveis.
- XVII - Aforismos.
- XVIII - Costumes portugueses de polidez.

I - Noções.

A polidez ou urbanidade, boas maneiras, bons modos, educação (tomada na acepção estrita de comportamento gentil e atencioso, não na latitudinária, de formação de valores, cabedal intelectual, critérios de comportamento, discernimento, afetividade) compreende certas formas de homem haver-se perante outrem: ela diz respeito ao trato humano, ao modo como cada pessoa interage com o próximo.

Polido, urbano, de boas maneiras, de bons modos, educado, é quem trata a outrem com amabilidade, solicitude, gentileza (caráter geral da polidez) e (caráter especial da polidez) cumpre convenções de comportamento tidas por corretas em cada meio humano. Assim, genericamente, polido, urbano, de boas maneiras, de bons modos, educado, é quem trata a outrem com dadas formas explícitas de atenção e gentileza; especificamente, polido, urbano, de boas maneiras, de bons modos, educado, é quem observa códigos de comportamento vigentes em sua classe social, profissional, etária, tidas por desejáveis e corretas.

Em ambas acepções, a boa educação exprime-se sobretudo ativamente, por ações e dizeres (saudamos, agradecemos, apresentamos pessoas umas às outras); menos por abstenções, pelo que se não deve praticar nem dizer (não falamos altamente, não interrompermos o interlocutor, não abrimos porta fechada sem nela bater e sem que o circunstante no-la abra ou autorize-nos a fazê-lo.).

O cumprimento do código de polidez é característico de homem educado, imbuído de boas maneiras:

(a) em relação a ditos, a exemplo de "bons-dias", "boas-tardes", "boas-noites", "por favor", "desculpe", "com licença", "até logo", "obrigado", "agradecido", "bem haja", "grato", "esteja à vontade", tratamento de senhor/senhora, e outros. Típico da polidez é o emprego de ditos gentis, não sua abstenção: polido é quem os profere azadamente, enquanto o silêncio em relação a eles constitui carência de bons modos e até (quando muito) maus modos.

(b) No tocante a ações, a exemplo de apresentarmos solteira a casada, moço a mais velho, cedermos a vez aos de maior hierarquia ao transpormos portas.

(c) Relativamente a abstenções, como evitarmos ruídos molestos aos circunstantes, não formularmos indagações invasoras da intimidade alheia.

As boas maneiras hão de estar-nos entranhadas, incorporadas a nossa maneira de estar, em jeito que as pratiquemos naturalmente, espontaneamente, como que automaticamente, sem carecermos de, a cada passo, recordarmo-nos do preceito cabível e da respectiva atitude. É valioso observar-se homem a si próprio, em suas ações, reações, omissões, expressões, atentar para as ocasiões em que se houve bem ou menos bem, e esforçar-se por incrementar seus bons modos: o auto-melhoramento é forma de construção de si próprio, de alçar-se a pessoa a interação mais elevada e respeitosa com outrem; conta, sobretudo, a atitude, a disposição íntima em que desejamos bem tratar. Hemos de ter habituação e presença de espírito para atuarmos educadamente como parte de nossa natureza.

O norte das boas maneiras parece constituir-se do senso de consideração para com terceiros, o que implica respeito, gentileza, solicitude, tudo (latamente entendidas) formas de simpatia humana.

Diferentes ambientes adotam códigos distintos de boas maneiras; nas classes médias e elevadas, prevalece mais senso de gentileza do que nas baixas, comparativamente rudes.

A educação é aplicável em quaisquer relações humanas, já formais, já informais, sejam familiares, amistosas, profissionais, de coleguismo, de vizinhança, entre conhecidos, estranhos, familiares, amigos, colegas: havemos de ser bem educados sempre. Dadas circunstâncias *per se* informais (sejam tertúlias de amigos, festas) prescindem de cerimônias, porém não de bons modos, desejáveis sempre.

II - Saudações.

Homem urbano saúda: bons-dias, boas-tardes, boas-noites, olá, oi; indagar “Tudo bem ?” é fórmula retórica, puramente convencional, geralmente insincera e cafona. É sinal de mais polidez enunciar o nome do saudado:

— *Oi, Mateus.*

Mateus reciprocará:

— *Oi, Rodrigo.*

Mau é ignorar o cumprimento: se no-lo ignoram uma vez, atentamos para o facto; se no-lo ignoram segunda vez, ficamos dispensados de cumprimentá-lo de então ao diante, por reciprocidade; se o ignorador, contudo, saudar-nos, devemos responder-lhe.

Como sabemos que estamos em Curitiba ? Quando cumprimentamos e ninguém nos responde; melhor: entre curitibanos, quase ninguém diz bom-dia para quase ninguém e quase todos mal respondem, quando o recebem.

"Oi" é brasileirismo, usável em relações informais, porventura originário do espanhol “oie”.

Em boa hora, vai se desusando o cediço, artificial e de mau gosto “Tudo bem ?”, pró dos ótimos bons-dias, boas-tardes, boas-noites, olá, oi, salve, fulano. Não saudemos dessa forma; se com ela nos saúdam, respondamos-lhe sem a tola e convencional resposta “Tudo bem”, e sim com: bons-dias, boas-tardes, boas-noites, olá, oi, salve.

Gente álaçre porventura brinca antes de cumprimentar, o que não é mal-vindo e será divertido; porém cumprimento não é o dito engraçado, mas a saudação, nem se lhe substitui: brinquemos e saudemos, ou saudemos e brinquemos.

III - Pedidos.

Gente polida pede com: por favor, por obséquio, por gentileza, por graça, por mercê, se faz favor; com a forma verbal “queira” seguido de verbo (queira fechar a porta/abaixar o volume/dar-me água).

Inurbanos pedem assim:

— *Dá para fechar a porta ?*

— *Tudo bem você fechar a porta p`ra mim ?*

— *Tem como fechar a porta ?*

— *Me dá água.*

— *Banheiro.* [Tenho ouvido gente deseducadíssima dizê-lo em casa alheia e em ambientes laborais, cousa que me mete asco].

Com boas maneiras:

- *Feche a porta, se faz favor.*
- *Gostaria de que cerrasse a porta.*
- *Agradeço-lhe se fechar a porta.*
- *Dê-me água, por obséquio.*
- *Sirva-me um copo d'água, se não lhe for incômodo.*
- *Diga-me onde é o banheiro, por gentileza.*
- *Necessito de ir ao banheiro, por favor.*

O entono da prolação, o tom da voz pode veicular imposição, pedido, comentário; educadamente pedimos com entonação suave, maviosa. Muitas vezes conta como pedimos tanto quanto o que pedimos, porventura mais, já na entonação, já na gentileza com que o fazemos. Há de saber-se pedir.

IV - À vontade.

“Esteja à vontade” e “Fique à vontade”, “À vontade”, são maneiras de atribuir liberdade para o interlocutor que se retira da presença do locutor. Sejam exemplos:

- (a).
 - *Vou para o quarto.*
 - *Esteja à vontade.*
- (b).
 - *Já volto.*
 - *À vontade.*
- (c).
 - *Com licença.*
 - *À vontade* ou *Toda.*

V - Desculpas.

De "peço desculpas" ou "desculpe" (melhor: *peço-lhe desculpas, desculpe-me*) é louvável lançarmos mão se cometemos alguma indelicadeza ou possível indelicadeza; o interlocutor gentil redargüirá: “Não foi nada”; poderá retrucar: “Não faz mal”, “À vontade”.

É delicado antepormos "desculpe" a objeções ou discordâncias entre pessoas de alguma cerimônia e até com quem não nos seja de cerimônia (e com quem almejamos ser polidos):

- *Desculpe, discordo.*
- *Desculpe, penso diferentemente.*
- *Desculpe, não será como pensa.*

Delicadamente, sem “desculpe”:

- *Eu discordaria.*
- *Tenho outro modo de ver.*
- *Podemos ver de outro modo.*
- *Talvez possamos entender diferentemente.*
- *Receio não ser assim.*
- *Permita-me divergir.*

VI - Com licença.

"Com licença" usa-se:

I) quando adentramos recinto em que está alguém, a exemplo de morada ou quarto alheios.

II) Aos nos retirarmos da presença de terceiros de cerimônia e até não de cerimônia; ao fecharmos a porta de nossa residência, perante quem permanece no átrio à espera do elevador. Entre portugueses era (ainda sê-lo-á) usual semelhante fórmula antes de homem rasgar papel em presença de outrem. Interlocutor polido dirá:

“Esteja à vontade”, “Fique à vontade”; informal e, dependendo da circunstância e do locutor, impolidamente: “Tudo bem”, “Oquei” (horrível).

III) Quando desejamos nos dirigir a quem está a ler, estudar, conversar com terceiros, notadamente se nos faltar familiaridade com eles e ainda que a tenhamos; é ótimo: “Com licença, desculpe-me interrompê-lo”; são bons: “Não o quero interromper” (embora o faça), “Vou interrompê-lo um pouco”.

IV) Em situações que por alguma forma, direta ou oblíqua, manifestamos intervenção no espaço alheio: (*verbi gratia*: se tomamos em mãos telemóvel que outrem nos franqueia e a ele pertencente).

V) Gente polida pede licença para compartilhar publicações no Facebook (“Peço-lhe licença para compartilhar”. “Dê-me licença para compartilhar”), conquanto o compartilhamento seja livre e independente de autorização do autor da publicação.

VII - Graus e modos de formalidade. Tratamentos. Estilo afetivo (tu).

O grau de proximidade e de liberdade no trato com outrem determina o grau em que as fórmulas de polidez são mais ou menos expectáveis e de rigor; a convivência e o tempo vão espontaneamente instaurando alguma familiaridade e atenuando algumas formalidades; para mais, dadas pessoas têm natureza informal. Assim como assim, sempre a polidez é usável, com toda a gente, independentemente do grau de liberdade e de proximidade que tenhamos com o próximo: podemos e devemos ser educados com estranhos tanto quanto com amigos, parentes, colegas, vizinhos. As boas maneiras são questão de consideração para com o próximo, não apenas com o próximo próximo (passe o trocadilho), mais do que de formalidade ou informalidade. Alguns, primariamente, confundem boa educação com formalidade, e tomam informalidade aceitável como licença de deseducação.

Podemos nos despedir ou saudar, cerimoniosa e respeitosa:

— *Meus respeitos, minha senhora.*

— *Meus respeitos, meu senhor.*

São formas urbanas de tratamento senhor e senhora, para os mais velhos; aparentemente, são corriqueiras nas classes média média, média alta e alta (e quase de rigor no meio jurídico); seu desuso ou uso escasso é observável nas classes baixas (não obstante haja pobres polidos); são recorrentes e diárias entre portugueses.

Integra os bons modos tratar os mais velhos, e até os eqüevos de cerimônia por *senhor* e *senhora*; é especialmente gentil antepormos-lhes pronomes possessivos (*meu senhor, minha senhora*):

— *Por aqui, meu senhor.*

— *Apanha-se a senha aqui, minha senhora.*

É muito bom o costume de tratarmos pelo nome próprio, com verbos na terceira pessoa; sejam exemplos: (a).

Tratamos com Helena; dizemos-lhe:

— *A Helena gosta de chimarrão, pelo que lhe trouxe este pacote de erva mate.*

(b).

Dirigimo-nos a Cláudio:

— *Saudei o Cláudio de longe, porém não me viu.*

Este tratamento elide o pronome "você" (de tratamento igualitário e que poderá aparentar familiaridade de que não dispomos) e "senhora" (que revela distância que poderá ser desnecessária).

Podemos evitar possíveis embaraços de tratamento pela elisão total de qualquer vocativo e com emprego de pronomes: diremos “Que bom encontrá-lo”, em vez de “Que bom encontrar o senhor” (que marca distância) e de “Quem bom encontrar você” (que marca igualdade com mau estilo).

Verdade é que no Brasil as relações são pouco hierárquicas e aceita-se "você" muito mais do que em Portugal.

É plebeísmo deselegante e piroso tratar a todos os homens por "moço", independentemente de sua idade, sejam moços, adultos ou idosos.

VIII - Visitas.

Ao introduzirmos visita em casa, abrimos-lhe a porta, damos-lhe passagem e convidamo-lo a adentrar com expressões gentis:

— *Vamos entrando.*

— *Queira entrar.*

— *Faça o favor.*

Convidamo-lo a assentar-se:

— *Queira sentar-se.*

— *Sente-se.*

Podemos acrescentar:

— *Esteja à vontade.*

Representava convenção da arte de receber (pelo menos em Curitiba, nos idos de 1980 a 2000), oferecer-se cafezinho para vista bem-vinda e não para a mal-vinda.

IX - Portas cerradas.

Se porta de quarto, de gabinete de trabalho, de sala de visitas, estiver fechada, encostada, semi-cerrada, devemos bater nela com os nódulos dos dedos, para que quem nele encontrar no-la abra (seja morador, inquilino, hóspede); é correto perguntar a quem nela se achar: “Posso entrar?”. Jamais a abramos subitamente, sem consentimento, o que representa verdadeira invasão da intimidade alheia, ainda que quem o pratique seja o senhor da casa, pai, mãe; obviamente em camaratas ou quartos compartilhados, qualquer de seus ocupantes dispõem de plena liberdade de acesso.

Ao adentrarmos o quarto alheio, ainda que a porta esteja descerrada, dizemos a quem o ocupa: “Com licença”, ou não, segundo o grau de liberdade de que desfrute quem lhe adentra.

Pertence à civilidade o senhor da casa (os pais em relação a seus filhos, os avós quanto a seus netos, o amo relativamente a seus hóspedes) capacitar-se haver limite para si próprio em sua soberania em sua própria residência: tal limite consiste na intimidade alheia e no respeito para com a privacidade e a liberdade dos mais moradores.

Nos costumes dos séculos mais recentes, o quarto de dormir é privativo de quem o ocupa e, até certo ponto, nele se ingressa mediante convite ou autorização. Em Portugal chega a ser tido por mal-educado fechar porta (da biblioteca, do escritório), para o que é de mister apresentar-se justificadamente, contudo não relativamente à do quarto de dormir; na Alemanha as portas permanecem invariavelmente fechadas, sem qualquer especial motivação.

Não importa em falha de boas maneiras (e, pois, é de todo aceitável) que se feche porta de quarto de dormir se seu ocupante pretender recolhimento para adormecer ou repousar, fornicar, manstrar-se (o que pode fazer na casa de banhos), poupar a outrem de ruídos que produza (conversações, música), poupar-se dos ruídos da casa, ler, estudar, escrever, trocar de roupa.

Alguns fecham-na por aspiração de privacidade: a fim de quedarem-se a sós, ensimesmados, por idiosincrasia. Diferentes temperamentos determinam variações comportamentais e graus em matéria de interação no próprio lar.

Relativamente a outras portas, chega a ser mal-educado (na classe média alta, em Portugal e, estou em crer, no Brasil) fechá-las, em razão (eu me parece), do insulamento que representa: cerrar porta equivale a separar-se, evitar contacto, afastar-se de outrem e afastar outrem de si, sentido em que o fechamento pode representar ato de certo modo hostil e ser assim percebido (ou não). Tímidos, deprimidos, mal-vindos com os mais residentes da morada, tenderão a insular-se em seu quarto.

Há duas deseducações, portanto (em tese): penetrar em quarto alheio sem consentimento de seu ocupante e este separar-se por meio da respectiva porta, que cerre: em ambos casos o critério é o da relação com o próximo: não lhe invada este a intimidade (há limites), mas o morador não se insule (quer-se contacto, ainda que simbólico), o que inclui a própria casa de dormir, se se lhe cerrar a porta exprimir recusa dos demais.

Quanto a moradores da mesma vivenda (em família), a vedação de acesso ao quarto de dormir apresenta variações; entre amigos, o grau de liberdade e intimidade condiciona-lhes o de acesso ao dito recinto; visitas

(sobretudo de cerimônia) por regra jamais lhe acedem: constituem maus modos qualquer intromissão sem licença nem convite.

X - Tom vocal. Sons. Silêncio.

Tom vocal elevado é desagradável aos circunstantes, em qualquer ambiente; é civilizado falar baixamente, em apenas tom suficiente para que o interlocutor ouça o locutor: ele civilizado comunica-se em tom reduzido. Podemos rirmo-nos e gargalhar desinibidamente em circunstâncias em que a alacridade seja aceitável: festas de anos, partidas de pedibola, tertúlias de amigos, ocasiões festivas; façamo-lo contida e silenciosamente se a circunstância recomendar silêncio (presença de quem leia, estude, redija; situações graves, como cerimônias, guardamentos, salas de espera, hospitais.).

Quando se escuta música, voz humana ou qualquer som, é recomendável mantermos reduzido o volume da emissão (de telemóvel, rádio, televisão, caixas de som, radiola), o suficiente para que apenas o interessado escute e para que os circunstantes ouçam nada ou o mínimo inevitável; é desejável valermos-nos de auriculares, que limitam a emissão do som ao ouvinte. Nenhum som destinado a uma só pessoa deve ser audível por mais do que ela.

É polido ser silencioso: já em casa, já no local de serviço, seja onde estivermos, evitemos ruídos desnecessários, a exemplo dos de fechamento de portas, do giro de chaves em fechaduras, da aposição de objetos em geral (como em mesas e pias, talheres em pratos), da batida de pés ao galgarem-se escadas: portas, fechem-se brandamente; chaves, girem-se vagarosamente; objetos, aponham-se suavemente; escadas, galguem-se com ascensão do corpo e não a patadas. Bater portas é inaceitável.

Abstenhamo-nos de solilóquios, se houver circunstantes: que se não fale sozinho, seja em que tom for.

Portas de quartos de dormir, fechemo-las e lá fechemo-nos caso lá queiramos falar em tom menos contido; cerremo-nos em casas de banho para ligarmos secadores de cabelos; fornos de microondas, se ruidosos, usem-se com a porta da cozinha cerrada (em ambos casos, a fim de que seus ruídos não molestem a terceiros); escapamentos de motocicletas são inaceitáveis abertos (selvageria); portas metálicas, de descer, corram-se devagar; descargas, não se deem de madrugada; máquinas de lavar roupa e de costura, jamais sejam acionadas em edifícios de apartamentos após as 22 horas e em qualquer horário, se houver moradores da casa sujeitos a serem molestados por seus ruídos. Tudo isto se resume a: não incomode a outrem.

Ao fecharmos porta de recinto em que haja alguém, se o vento impeli-la, se por excesso de força que lhe apliquemos ou por movimento inadvertidamente rápido que façamos, ela fechar-se estrondosamente, abrimo-la e pedimos desculpas aos presentes. É ato de agressão inegável retirar-se alguém de recinto e bater a porta, o que autoriza cessação de relações.

Reconhecemos gente civilizada por sua preocupação com produzir ruídos o minimamente possível, gente bruta por sua indiferença a respeito e pelos barulhos com que molestem à gente.

É frase feita edificante a de que “gentileza gera gentileza”.

XI - Perguntas.

O capítulo da perguntação é melindroso; implica sutilezas e tato.

Perguntas dicadas a elucidar são bem-vindas; as de natureza pessoal, são-no, ou não, dependendo do contexto; interrogar vezes demasiadas é vezo, para cuja evitação melhor é lançarmos mão de circunlóquios, de insinuações, de indagações indiretas, que deixem o interlocutor perceber a oportunidade do esclarecimento:

— *Seria deste modo, talvez:* o interlocutor elucidará de que modo é.

— *Deste pormenor estou mal-informado:* o interlocutor prestará informação sobre ele.

— *Gostaria de entender melhor este ponto:* o interlocutor explicá-lo-á.

— *Sobre isto careço de mais explicações:* idem.

O interlocutor perspicaz percebe a oportunidade da elucidação quando se lhe suscita o ponto, embora possa sonégá-la por estratégia. O conversador hábil sabe preferir tais recursos e evita interrogar diretamente; também sabe suscitar o tema em lugar de indagar acerca dele; vá lá que entrar em assunto permite divagações, ao passo que a pergunta direta e objetiva pode propiciar informação específica, prontamente, caso se lhe responda a contento.

Inquirir vezes demasiadas é vício; indague-se o menos possível. Por outro lado, interrogar evidencia interesse no tema de que discursa o locutor.

Indagar não é, *per se*, errado nem indesejável; pode sê-lo, consoante ao contexto; será oportuna a pergunta que visa a elucidar-lhe o autor em ponto que lhe parece obscuro ou duvidoso. Há indagações impertinentes, a exemplo das que por algum modo dizem com a vida (íntima, profissional, financeira, afetiva, sexual) do indagado e, em geral, imiscuem-se no que não é da conta de seu autor; elas veiculam curiosidade indiscreta, de quem deseja saber mais do que as circunstâncias normalmente permitir-lhe-iam saber. É elemento de civilidade, de autodomínio e de boa formação abster-se a pessoa de semelhantes indagações.

Evitem-se perguntas abruptas, enunciadas fora do contexto da palestra ou subitamente, concernentes à intimidade do indagado ou a sua vida pessoal, a que o indagado responde (amiúde) defensivamente: “Por quê?”, pista infalível de que ele percebeu-a como invasora, inconveniente ou (quando menos) suscitou-lhe estranheza. É preferível aguardar o momento azado no curso do colóquio para satisfazermos nossa curiosidade, conduzi-lo até próximo do ponto que nos interessa indagar, e então fazê-lo (se a interrogação não for invasora nem inconveniente).

Também podemos introduzir a matéria (em jeito de preâmbulo), para então interrogarmos diretamente ou exprimirmos nosso desejo de saber. Por exemplos:

(1) Desejamos saber onde fuão adquiriu certa gonilha; ao invés de abruptamente indagarmos-lhe:

— *Onde comprou essa gonilha ?*

dir-lhe-emos: *Estou à procura de gonilhas e pareceu-me interessante esta que usa; gostaria de saber onde a comprou.*

Ou: *Gostei da gonilha que usa; deixe-me saber onde a comprou.*

(2) Em lugar de interrogarmos:

— *Como fez para obter seu emprego ?*

expor-lhe-emos: *Estou à procura de posto de trabalho; fiquei curioso de saber como se obtém emprego igual ao seu; posso saber como fez para obtê-lo ?*

Ou: *Como estou desempregado, procuro emprego; talvez possa ajudar-me se eu puder saber como fez para obter o seu.*

A interrogações impertinentes responde-se:

(a) evasivamente:

— *Não vem ao caso.*

— *Deixe para lá.*

— *É melhor não falar disso.*

— *Depois a gente conversa [coloquialíssimo].*

(b) Defensivamente:

— *Não lhe interessa.*

— *Não é de sua conta.*

— *Não é assunto seu.*

— *Meta-se com sua vida.*

— *Cuide de sua vida, que da minha trato eu.*

— [Não se responde].

Há respostas veritativas e sinceras; também as há de tergiversação, convencionais, superficiais e até falsas: defensivas, é legítimo valer-se delas quando o interrogador estiver mal-intencionado ou moverem-no segundas intenções.

Podemos anunciar desejo de indagar mercê de sentenças dicadas a abrandar impressão de ser a pergunta invasora da intimidade do indagado, indiscreta ou inconveniente:

— *Deixe-me perguntar-lhe [...]*

— *Se não lhe for inconveniente a pergunta [...]*

— *Sem lhe querer invadir a intimidade [...]*

— *Se me permitir a indagação [...]*

— *Sem querer ser inconveniente [...]*

— *Se lhe puder indagar [...]*

- *Permita-me que lhe pergunte [...]*
- *Se não for abusivo de minha parte [...]*
- *Se eu puder saber [...]*
- *Ainda que mal lhe pergunte [...]*¹

É usual indagarmos “*Posso lhe fazer uma pergunta ?*”, com várias possíveis reações:

- *Depende de sobre o que.*
- *Sobre isso, pode.*
- *Sobre isso, não pode.*
- *Pode, sim.*
- *À vontade.*
- *Pode, o que não me obriga a responder-lhe.*
- *Pode; responder-lhe-ei ou não.*
- *Sim; não sei se lhe responderei.*

Há formas indiretas de obter-se informação, em que insinuamos nosso desejo de saber:

- *Não que dia é hoje...*
- *Não sei se lhe fica bem visitá-lo amanhã.*
- *Não sei se gosta de vinho tinto.*
- *Deixe-me saber [enuncia-se o que se deseja saber].*

Nestas hipóteses, a confissão de ignorância atua como estímulo a que o interlocutor informe-nos o que desconhecemos; ele responder-nos-á:

- *Hoje é quinta-feira.*
- *Fica-me bem visitar-me amanhã.*
- *Gosto de vinho branco, não de tinto.*

Há perguntas de pura curiosidade, desnecessárias à cabal compreensão do assunto que se versa, que não chegam a ser inconvenientes, como nestes diálogos:

- (a).
- *Acaba de chegar meu automóvel novo.*
- *De que cor é ele ?*
- (b).
- *Compramos vários livros.*
- *Quantos ?*
- (c).
- *Semana que vem sairei de férias.*
- *Pretende viajar ?*

Na vida de relação, em diálogos, rareiam as interrogações, e ainda mais quantas dizem com a vida pessoal do interlocutor, se com ele o indagador não dispuser de liberdade ou de razão objetiva que o leve a formulá-las, a exemplo de:

- *Está aposentado ?*
- *De quanto é seu salário ?*

Indaguemos diretamente com moderação; abruptamente tão pouco quão possível; indiretamente sempre que possível.

XII - Precedência.

¹ Significa: o advérbio aí figura como atenuação, para imputar natureza eufemística ao verbo: “ainda que não seja propriamente pergunta”, “conquanto seja quase pergunta”, “embora seja menos do que pergunta”.

Os ditames de precedência estabelecem hierarquia entre pessoas ou, por outra, manifestam-na: apresentamos o mais moço ao mais velho, solteira à casada; o mais velho ou de maior estatuto adentra recinto antes do mais moço ou de menor estatuto.

XIII - Oferecimentos.

Assaz informalmente oferece-se:

— *Vai um café, aí, Jacinto ?*

Assaz informalmente, responde-se:

— *Manda ver.*

Menos polidamente oferece-se:

— *Quer café ?*

— *Quero.*

Polidamente:

— *Aceita café, Rodrigo ?* ou

— *O Rodrigo aceita café ?*

— *Está servida ?*

— *A Joana está servida ?*

Com igual polidez, responde-se:

— *Aceito, por favor/se faz favor/por obséquio/por graça/por mercê/por gentileza.*

— *Aceito; obrigado/a.*

XIV - Solicitud.

Se alguém nos exprime sua solicitude (convida a sentar-se, a mudar de lugar, a pôr-se à sombra), agradecemos-lhes com obrigado, agradecido, bem haja, grato; podemos adicionar, consoante ao caso: *Não se preocupe; Não se preocupe: estou bem assim; Estou bem assim; Não precisa de se incomodar.*

XV - Várias.

Demonstra desatenção quem se abstém de agradecer solicitude espontânea ou provocada alheia; por exemplo: no elevador alguém indaga a que andar se dirige homem, aperta-lhe o botão respectivo e homem nada lhe diz; freguesa não sabe apanhar o papelinho numerado da ordem de atendimento, ao que alguém explica-lhe como fazê-lo ou fá-lo por ela e entrega-lho; ela não lhe agradece.

É louvável sermos simpáticos; não devemos ser antipáticos; podemos ser neutros quanto à simpatia e à antipatia. Todos temos dias bons e maus, fases boas e más, em que nossa interação é melhor ou pior: nos momentos adversos, hemos de exercer domínio sobre nós próprios, a fim de não projetarmos em outrem nossas agruras íntimas, conquanto o oposto suceda vezes muitas.

É aceitável tomarmos atitude pedagógica, com observações que retifiquem maus comportamentos, verbi gratia: quando algum caixa chama-me moço, objeto-lhe: "Moço ? De moço já passei faz tempo"; fingido desavisado fura-nos a fila: "Eu estou na vez" ou "A fila é atrás de mim".

Observações dessa natureza e protestos contra maus procedimentos são (aparentemente) usuais em Portugal e em Espanha, onde as pessoas dizem francamente o que lhes parece reprovável no comportamento alheio, no ato e na cara, desassombadamente; eu parece-me que no Brasil também se use de tal franqueza².

Gente bem formada enuncia espontaneamente fórmulas de boas maneiras (bons-dias, boas-noites, boas-tardes, oi, olá; peço desculpas, desculpe; com licença; até logo; obrigado, bem haja), convicta de serem

² Já o oposto verifica-se na desbrasileira Curitiba, em que:

(a) não se dirige a palavra a estranhos, já por iniciativa própria, já se eles no-la dirigem (não lhes respondem, ignoram-nos) e, destarte, ninguém chama a atenção de quem desconhece: todos veem e ninguém interfere ("Todo mundo vê e ninguém fala nada").

(b) Franqueza é grosseria (toda declaração sincera passa por grosseira se não for agradável ou indiferente ao interlocutor).

(c) Estranhos são como objetos e até menos do que isto: os curitibanos reparam em coisas (postes, fechaduras, cães), contudo amiúde não chegam a fazê-lo em estranhos.

valiosas como maneiras de tratar as pessoas e a de que a civilidade abarca tratarmo-las bem. Homem polido tem-nas presentes em espírito e em seus hábitos: elas saem-lhe facilmente, sem esforço.

Por outro lado, não valerá a pena sermos polidos com gente incapaz de entender a polidez, de praticá-la, e que até a enjeite: é puro desperdício tratarmos urbanamente os broncos; se não estiver eu em erro, alguns deles chegam ao ponto de julgar a polidez “coisa de mulher”, “coisa de veado”, e que homens pretensamente viris evitam-na: indivíduos que tais sustentam masculinidade tosca, correntemente chamada “masculinidade tóxica”. É masculino e másculo homem chorar, exprimir sentimentos, ser afetuoso, confessar seus problemas a seus amigos, ter meiguice, tratar a outrem gentilmente, julgar bonitos outros homens, bem como incorporar modos polidos e libertar-se dos conceitos primários da dita masculinidade.

XVI – Telemóveis.

O advento dos telemóveis (com suas aplicações) instituíram novos maus hábitos e novas formas de impolidez: é desatencioso atentar-se-lhes para a tela ou redigir enquanto nos falamos; é desatencioso e desagradável interrompermos conversação presencial para atender a chamadas, notadamente à mesa, em reuniões de trabalho, em visitas, perante pessoas de cerimônia, e tanto mais quanto mais se deixa o circunstante à espera; constitui indelicadeza para com outrem, em cuja presença se está, cessar a conversação para atentar à tela (vezo, aliás, corriqueiro).

Se o telemóvel toca em situação que nos seja inconveniente, desligamos a chamada ou não lhe atendemos; da parte de quem a efetua, já se trivializou a indagação: “Pode falar?”, o que supõe hipotética inoportunidade da chamada, a que o recipiente responderá (a) afirmativamente, se puder falar; (b) negativamente, no caso oposto, em que é polidez protelar a conversação para momento azado.

Representa correção de maneiras dar-se atenção à pessoa em cuja presença nos encontramos, e não o fazermos ao telemóvel ou somente fazermos-lo em situações realmente imperiosas: a relação presencial deve preferir-lhe ao uso (aí, abusivo).

Há-se de saber usar o telemóvel, como aparelho a serviço de homem, que lhe sirva e o aproxime de quem se encontra distante, sem o afastar de quem se encontra presente.

XVII - Aforismos.

A convivência com gente descortês e tosca desabitua homem à gentileza e à polidez, e desensina-lhas.

A convivência com gente cortês habitua homem à gentileza e à polidez, e ensina-lhas.

LHA = LHE + A. LHO = LHE + O.

XVIII - Costumes portugueses de cortesia³.

Nas derradeiras décadas, os mores de cortesia em Portugal, na classe média alta, pouco se modificaram, exceto no que toca a «depois do jantar»: agora tem toda a gente (ou as senhoras, depende) de ir ajudar na cozinha; pelo menos a oferecer-se para tal.

Há variedade no tratamento de interlocutores e circunstâncias, em que é de rigor evitar-se “você” (exceto em meios ou assaz pernósticos ou por assaz populares), ao inverso do que sucede no Brasil (em que sua aplicação é generalizada): emprega-se o circunlóquio do prenome, isto é, enquanto o brasileiro diz “Sinto saudades de você”, o português diz: “Sinto saudades do Miguel”, dirigindo-se ao próprio: emprega-se o prenome do visado como se fora terceira pessoa.

Em certas relações institucionais (públicas e privadas), é correntio Vossa Excelência.

Normalmente recebem-se convidados com: «Façam favor de entrar» ou apenas «faça favor»; em dias frios, em que eles envergam sobretudos, o anfitrião deve auxiliá-los a retirá-lo, e guardá-lo.

Convidamos a visita a assentar-com “façam favor” ou com gesto compreensível.

Para jantar (ou almoçar), a dona da casa convida à mesa com a indagação «Vamos?»; criados (se os houver), avisam-na de estar tudo a postos; ela levanta-se ou avisa que é altura de os circunstantes fazerem-no; estes devem fazê-lo e dirigirem-se à mesa. Constitui grave rata o convidado prosseguir a falar, a despeito de semelhante concitação.

³ Para esta secção, vali-me da contribuição de Rodrigo de Sá-Nogueira Saraiva, que seguiu fielmente.

A disposição dos comensais à mesa submete-se à regra complexa, que o é por supor-se paridade numérica entre homens e mulheres, difícil de obter-se à vista da proporção de divorciados que, com isto, não formam dupla de homem e mulher, ao que acresce a existência de casamentos monogâmicos (ditos homoafetivos), do que resultou informalidade na solução do problema, embora, por regra, os anfitriões assentem-se em polos opostos (ao centro da mesa) e os mais, por ordem de sexos alternados e de estatuto (idade, sobretudo, com os convidados sempre primeiramente: a mulher à direita do dono da casa, o marido da mesma forma, relativamente à dona, e assim sucessivamente.). Em situações informais, a distribuição simplifica-se e limita-se a os anfitriões ocuparem polos adversos na mesa.

O respeito para com os mais velhos é de rigor; crianças e adolescentes tratam amigos de seus pais por “tio”, independentemente de relação de parentesco e sem prenome: é engenhosa forma de dispensar-se o tratamento formal (Senhor Professor, Senhor Embaixador) sem se consentir no emprego do prenome (Miguel, João). Assim, por exemplo, o filho de 17 anos de lente universitário trata embaixador (hipoteticamente de nome Afonso), amigo de seus genitores, por “tio”, posto ser inaceitável chamá-lo Afonso e ser excessivo (conquanto possível) fazê-lo por Senhor Embaixador.

Popularmente, é usável a redução “ti”, seguido do prenome, como substituto de “senhor” (*ti` Vasco* por *senhor Vasco*). O segundo caso é de uso antigo na língua portuguesa e também circulante no Brasil.

Outras regras originam situações incômodas: ao adentrar-se em restaurantes, o homem fá-lo por primeiro, no intuito de poupar a senhora dos olhares alheios; do desconhecimento de tal regra, por algumas, geram-se confusões; varão e varoa galgam escadas simultaneamente, não o homem atrás, para evitarem-se-lhe olhares indiscretos nas traseiras dela. Nas calçadas, o varão caminha do lado de fora, rés da rua.

Preceito de árduo cumprimento é o de que se deve parar de comer no momento em que a dona da casa põe faca e garfo de lado, a que algumas são indiferentes, o que suscitará incômodo na anfitriã a ele sensível.

A distância interpessoal não pode ser muito curta. É de rigor absoluto jamais tocar-se na outra pessoa, exceto quando do cumprimento.

Apresenta-se, sempre, o mais novo ao mais velho, o homem à mulher.

Há muitas variantes na reação às apresentações: pode-se beijar a mão à senhora (o que já quase não se usa; no século XIX passado fazia-se vênua e sugestão de genuflexão enquanto se beijava a mão –sempre sem contacto dos lábios); apertar a mão é muito profissional. Há formas intermédias (pega-se na mão e faz-se a mera sugestão de a erguer enquanto fazemos vênua, gesto suscetível de ser mal compreendido).

O ditame de “beijinhos” na face é de grande esnobice: originalmente, dois: por primeiro na face direita, depois na esquerda; mais tarde apenas um, na face direita e sem quase tocá-la.

Saudar com apenas vênua é possível, contudo muito militar; a regra mais geral no elemento masculino é de apenas um aperto de mão com vênua ligeiríssima. No aperto, é importante evitar-se muita força, bem como sua escassez: há de prevalecer meio-termo.

A parte mais importante das boas maneiras consiste em não monopolizar a conversa, não falar altamente, não introduzir tópicos desinteressantes aos mais, adotar posição correta (sentado ou de pé), jamais interromper. Também importa bastante saber retirar-se a tempo da morada do anfitrião ou do visitado. À saída, em princípio o convidado faz sinal de que abrirá a porta, porém o dono abre-a de facto; eis ditame de tal maneira complicado que é mais fácil ser o dono a abri-la assim que o convidado se lhe posta defronte.

Tratam-se todas as pessoas exatamente da mesma maneira, independentemente de seu estatuto (tirante mordomos).

Não se usa pontualidade estrita, senão retardamento intencional de quinze ou vinte minutos: dá-se folga para arranjos de última hora aos anfitriões. Atualmente, tende-se à pontualidade estrita ou aceita-se diminuto atraso. Jamais se chega empós o horário da refeição; nesse caso, é de rigor telefonema de explicações.

Deve-se manter grande distância pessoal, sem transmitir impressão de frieza, o que implica a posição do corpo, o semblante indiferente, a inflexão vocal serena, com demonstração de interesse pelo discurso alheio. Jamais se mostra surpresa, indignação, alegria excessiva, senão neutralidade emocional amável, naturalmente com exceções: se um convidado porta-se mal (embriaga-se, profere inconveniências, vozeia), evidencia-se-lhe censura: mingua-se a conversação, tergiversa-se, ignora-se o infrator.

Antanho, em apresentações, dizia-se “Muito prazer”, que se substituiu por “muito gosto”, por associação (abusiva) de prazer à volúpia sexual.